

LIÇÃO 16 - Não Há Intermediário entre Contraditórias. Como Heráclito e Anaxágoras Influenciaram Esta Posição

TEXTO DE ARISTÓTELES Capítulo 7: 1011b 23-1012a 28

“ 383. Tampouco pode haver um intermediário entre contraditórias, mas de cada sujeito é necessário ou afirmar ou negar uma coisa. Isso se torna evidente primeiro quando as pessoas definem o que são verdade e falsidade; pois dizer que o que é, não é, ou que o que não é, é, é falso; e dizer que o que é, é, ou que o que não é, não é, é verdadeiro. Portanto, quem afirma que algo é ou não é dirá ou o que é verdadeiro ou o que é falso. Mas nem o que é nem o que não é é dito ser ou não ser.

384. Além disso, um intermediário entre contraditórias será tal ou da maneira que o verde é um intermediário entre o branco e o preto, ou como o que não é nem homem nem cavalo é um intermediário entre um homem e um cavalo. Se for do último tipo, então não haverá mudança; pois a mudança é do que é bom para o que não é bom, ou deste para aquele. Mas que isso acontece agora é sempre aparente; pois a mudança ocorre apenas entre opostos e intermediários. Mas se for um verdadeiro intermediário, então neste caso haverá uma espécie de mudança para algo branco, mas não a partir do que não é branco. No entanto, isso não é agora aparente.

385. Além disso, a mente ou afirma ou nega todo objeto sensível e inteligível. Isso é claro a partir da definição, porque ela expressa o que é verdadeiro ou o que é falso. De fato, quando a mente compõe desta maneira, afirmando ou negando, ela diz o que é verdadeiro; e quando faz de outra forma, diz o que é

falso.

386. Novamente, deve haver um intermediário além de todas as contraditórias, a menos que alguém esteja argumentando pelo argumento. Nesse caso, alguém dirá o que não é nem verdadeiro nem falso. E então haverá algo além do ser e do não-ser; e, portanto, haverá também algum tipo de mudança além da geração e da corrupção.

387. Novamente, haverá também um intermediário em todas aquelas classes de coisas nas quais a negação de um termo implica seu contrário; por exemplo, na classe dos números haverá um número que não é nem par nem ímpar. Mas isso é impossível, como é evidente a partir da definição.

388. Além disso, haverá um regresso infinito, e haverá coisas que se relacionam não apenas como metade a mais, mas ainda mais. Pois também será possível negar o intermediário tanto com relação à sua afirmação quanto à sua negação; e isso, novamente, será algo, pois sua substância é algo diferente.

389. Novamente, quando alguém responde "não" à pergunta se uma coisa é branca, não negou nada além de que ela é; e seu não-ser é uma negação.

390. Ora, alguns homens formaram essa opinião da mesma forma que outras opiniões irracionais foram formadas; pois, quando não conseguem refutar argumentos erísticos, eles assentem ao argumento e afirmam que a conclusão é verdadeira. Alguns homens sustentam essa visão, então, por essa razão, e outros porque buscam uma explicação para tudo.

391. O ponto de partida a ser usado contra todas essas pessoas é a definição, e a definição resulta da necessidade de eles significarem algo; pois o conceito, do qual a palavra é um sinal, é uma definição.

392. Ora, a afirmação de Heráclito, que diz que todas as coisas são e não são, parece tornar todas as coisas verdadeiras; e a afirmação de Anaxágoras, de que há um intermediário entre contraditórios, parece tornar tudo falso; pois, quando todas as coisas estão misturadas, a mistura não é nem boa nem não boa, de modo que é impossível dizer algo verdadeiro.

COMENTÁRIO

720. Tendo argumentado dialeticamente contra aqueles que sustentam que contraditórios são verdadeiros ao mesmo tempo, Aristóteles agora argumenta contra aqueles que sustentam que há um intermediário entre contraditórios; pois esses pensadores nem sempre dizem que uma ou outra parte de uma contradição é verdadeira. Com relação a isso, ele faz duas coisas. Primeiro (383:C 720), ele argumenta contra essa posição. Segundo (393:C 736), ele argumenta contra certas outras questões irracionais que decorrem desta posição e da anterior ("Com esses pontos").

Com relação ao primeiro, ele faz duas coisas. Primeiro, ele levanta argumentos contra a posição mencionada. Segundo (390:C 730), ele dá a razão pela qual alguns pensadores foram movidos a sustentar essa posição ("Ora, alguns homens").

Com relação à primeira parte, ele apresenta sete argumentos. Ele diz, primeiro (383), que, assim como contraditórios não podem ser verdadeiros ao mesmo tempo, também não pode haver um intermediário entre contraditórios, mas é necessário afirmar ou negar um ou outro.

721. Isso se torna evidente, primeiro, a partir da definição de verdade e falsidade; pois dizer o que é falso é simplesmente dizer que o que é não é, ou que o que não é é. E dizer o que é verdadeiro é simplesmente dizer que o que é é, ou que o que não é não é. Está claro, então, que quem diz que algo é, diz ou o que é verdadeiro ou o que é falso; e se ele diz o que é verdadeiro, deve ser assim, porque dizer o que é verdadeiro é dizer que o que é é. E se ele diz o que é falso, não deve ser assim, porque dizer o que é falso é simplesmente dizer que o que é não é. O mesmo se aplica se ele diz que algo não é; pois se ele diz o que é falso, deve ser; e se ele diz o que é verdadeiro, não deve ser. Portanto, ou a afirmação ou a negação é necessariamente verdadeira. Mas aquele que sustenta que há um intermediário entre contraditórios não afirma que é necessário dizer que o que é ou é ou não é; nem afirma que é necessário falar dessa forma sobre o que não é. Assim, nem aquele que afirma nem aquele que nega precisam dizer o que é verdadeiro ou o que é falso.

722. Além disso, um intermediário (384).

Ele apresenta o segundo argumento, que é o seguinte: um intermediário entre quaisquer dois contraditórios pode ser entendido de uma maneira como algo que participa de cada um dos extremos, e este é um intermediário no mesmo gênero, como o verde ou o amarelo é um intermediário entre o branco e o preto; ou de outra maneira como algo que é a negação de cada extremo, e tal intermediário é diferente em gênero; por exemplo, uma pedra, que não é nem um homem nem um cavalo, é um intermediário entre um homem e um cavalo. Portanto, se há um intermediário entre contraditórios, ele será tal, seja da primeira maneira, seja da segunda.

723. Se é um intermediário da segunda maneira, não haverá mudança. Isso se torna claro da seguinte forma: toda mudança é do que não é bom para o que é bom, ou do que é bom para o que não é bom. Portanto, como a mudança ocorre entre contrários, por exemplo, branco e preto, a mudança deve ocorrer entre coisas que são opostas como contraditórios; pois o preto não é branco, como fica claro a partir das afirmações acima. Mas, de acordo com a posição anterior, não pode haver mudança do que não é bom para o que é bom, ou vice-versa. Portanto, não haverá mudança. No entanto, sempre aparece ou parece que a mudança procede do que não é bom para o que é bom, ou vice-versa. Que toda mudança desse tipo seria destruída se a posição anterior for verdadeira "torna-se claro da seguinte forma. A mudança só pode ocorrer entre contrários e intermediários que pertencem ao mesmo gênero. Mas só pode haver uma mudança de um extremo a outro por meio de um intermediário. Portanto, se há um intermediário entre contraditórios como a negação de ambos, ou seja, como algo pertencente a um gênero diferente, será impossível que a mudança ocorra entre um extremo e um intermediário e, portanto, entre um extremo e outro.

724. E se é um intermediário da primeira maneira, de modo que o intermediário entre contraditórios pertence ao mesmo gênero por participar de ambos, como o amarelo é um intermediário entre o branco e o preto, "segue-se esta conclusão impossível: haverá algum processo de geração que termina no branco e não vem do não-branco, porque a mudança procede não apenas de um extremo a outro, mas também de um intermediário. Mas não parece ser verdade que haja qualquer processo de mudança que termine no branco que não proceda do não-branco. Assim, fica claro que não há nenhuma maneira pela qual possa haver um intermediário entre contraditórios.

725. Além disso, a mente (385).

Ele apresenta o terceiro argumento, que é o seguinte: em toda concepção pela qual o intelecto conhece ou compreende, ele afirma ou nega algo. Ora, pela definição de verdade e falsidade, parece que, quer se afirme, quer se negue, deve-se dizer o que é verdadeiro ou o que é falso; porque quando o intelecto compõe dessa maneira, seja afirmando ou negando conforme a realidade se apresenta, ele expressa o que é verdadeiro; mas quando age de outro modo, expressa o que é falso. Assim, fica claro que uma afirmação verdadeira deve ser sempre uma afirmação ou uma negação, porque alguma opinião deve ser verdadeira, e toda opinião é uma afirmação ou uma negação. Logo, deve ser sempre uma afirmação ou uma negação o que é verdadeiro; e, portanto, não há intermediário entre os contraditórios.

726. Além disso, é necessário (386).

Em seguida, ele apresenta o quarto argumento, que é o seguinte: se alguém sustenta que deve haver um intermediário entre os contraditórios, então é necessário dizer que, no caso de todos os contraditórios, deve haver, além dos próprios contraditórios, algo verdadeiro que seja um intermediário entre eles, a menos que essa pessoa esteja argumentando "pelo argumento", ou seja, sem nenhuma razão real, mas apenas porque lhe agrada falar dessa maneira. Mas isso não pode ser verdadeiro em todos os casos, porque o verdadeiro e o não-verdadeiro são contraditórios. Assim, seguir-se-ia que há alguém que diz o que não é nem verdadeiro nem falso. Mas o oposto disso foi esclarecido pela definição de verdade e falsidade.

727. Da mesma forma, como ser e não-ser são contraditórios, seguir-se-á que existe algo além do ser e do não-ser, e, assim, haverá algum tipo de mudança além da geração e da corrupção; pois a geração é uma mudança para o ser, e a corrupção, uma mudança para o não-ser. Portanto, não pode haver intermediário entre os contraditórios.

728. Além disso, haverá (387).

Ele apresenta o quinto argumento. Diz que, em alguns gêneros, uma negação ocupa o lugar de uma diferença contrária; ou, segundo outro texto, "a negação supre o contrário", porque um dos dois contrários, que deve estar no mesmo gênero, deriva sua definição da negação, como é claro no caso do par e do ímpar, e do justo e do injusto. Portanto, se há um intermediário entre a afirmação e a negação, haverá algum intermediário entre todos esses contrários, já que eles obviamente dependem da afirmação e da negação; por exemplo, no caso dos números, haverá algum número que não seja nem par nem ímpar. Mas isso é claramente impossível à luz da

definição do par e do ímpar; pois o par é o que pode ser dividido em números iguais, e o ímpar é o que não pode. Portanto, segue-se que não pode haver um intermediário entre a afirmação e a negação.

729. Além disso, haverá (388).

Agora ele apresenta o sexto argumento: aqueles que afirmam que há um intermediário entre uma afirmação e uma negação sustentam alguma terceira coisa além dessas duas, que todos postulam em comum, dizendo que não há nada intermediário entre elas. Mas três está relacionado a dois "como metade a mais", ou seja, numa proporção de um e meio para um. Portanto, de acordo com a opinião daqueles que sustentam um intermediário entre uma afirmação e uma negação, parece à primeira vista que todas as coisas "serão relacionadas como metade a mais", i.e., numa proporção de um e meio para um em relação às coisas que são dadas, porque haverá não apenas afirmações e negações, mas também intermediários. E essa não é a única conclusão que se segue, mas também se segue que haverá muito mais coisas em regressão infinita. Pois é evidente que tudo o que pode ser afirmado também pode ser negado. Mas se é possível afirmar que existem as três coisas seguintes: uma afirmação, uma negação e um intermediário, então também é possível negar essas três. E assim como uma negação difere de uma afirmação, de maneira semelhante haverá também alguma quarta coisa que difere das três mencionadas; pois ela terá uma substância e estrutura inteligível diferentes daquelas mencionadas, da mesma forma que uma negação tem uma substância e estrutura inteligível diferentes de uma afirmação. E é possível negar essas quatro, e as negações delas serão verdadeiras; e assim até o infinito. Logo, haverá infinitamente mais coisas do que foi postulado. Isso parece absurdo.

730. Além disso, quando alguém (389).

Ele apresenta o sétimo argumento, e ele é o seguinte: se alguém perguntasse se um homem ou alguma outra coisa é branco, aquele que responde deve dizer "sim" ou "não". Se ele diz "sim", é evidente que diz que a afirmação é verdadeira; mas se ele não afirma isso, mas diz "não", fica claro que ele nega isso. Ora, a única coisa que ele nega é o que lhe foi perguntado, e a negação disso é o não-ser, porque é negativa. Portanto, segue-se que, ao responder a essa pergunta, ele deve necessariamente admitir a afirmativa ou afirmar a negativa. Logo, não há intermediário entre essas duas.

731. Ora, alguns homens (390).

Ele apresenta a razão pela qual alguns homens adotam essa opinião, e, a esse respeito, faz três coisas. Primeiro, mostra por que alguns homens sustentaram essa opinião. Segundo (391:C 733), explica como se pode argumentar dialeticamente contra eles ("O ponto de partida"). Terceiro (392:C 734), observa as visões filosóficas das quais dependem as opiniões anteriores ("A afirmação").

Ele diz, portanto, primeiramente (390), que a opinião anterior, como outras opiniões irracionais, é adotada por certos pensadores por uma de duas razões. A primeira é esta: quando alguns homens não conseguem refutar "argumentos erísticos", i.e., argumentos disputativos ou sofísticos, que lhes são apresentados por outros ou por si mesmos, eles concordam com quem apresenta o argumento

e assentem à conclusão, dizendo que o que foi mostrado é verdadeiro. E então tentam confirmar isso criando outros argumentos.

732. A segunda razão pela qual os homens adotam essa posição é que alguns homens querem descobrir um argumento para provar tudo e, portanto, o que não pode ser provado, eles não querem afirmar, mas negar. Mas os primeiros princípios, que são as concepções comuns de todos os homens, não podem ser provados. Logo, esses homens os negam e, assim, adotam visões irracionais.

733. O ponto de partida (391).

Ele indica o ponto de partida a partir do qual se deve proceder para argumentar contra tais opiniões. Diz que o ponto de partida é derivado das definições de verdade e falsidade, ou das definições de outros termos, como fica claro pelos argumentos apresentados acima. Pois os homens devem admitir as definições das coisas se sustentam que as palavras significam algo; pois a expressão inteligível de uma coisa que uma palavra significa é a definição de uma coisa. Mas, se não admitem que todas as palavras significam algo, não diferem das plantas, como foi dito acima (348:C 652).

734. Agora a afirmação (392).

Aqui ele apresenta a opinião da qual dependem as opiniões anteriores. Diz que essas opiniões derivam da posição de Heráclito, que afirmou que todas as coisas estão em movimento e, portanto, que elas são e não são ao mesmo tempo. E, como o que está sendo movido tem o não-ser misturado com o ser, segue-se que tudo é verdadeiro.

735. E da posição de Anaxágoras segue-se que há um intermediário entre os contraditórios; pois ele sustentava que tudo está misturado com tudo, porque tudo vem de tudo. Mas nenhum dos extremos pode ser predicado da mistura; por exemplo, cores intermediárias não são nem brancura nem negritude. Daí a mistura não é nem boa nem não-boas, nem branca nem não-branca; e assim há um intermediário entre os contraditórios. Segue-se, então, que tudo é falso; pois, segundo a opinião comum, não postulamos nada além da afirmação e da negação. Logo, se tanto uma afirmação quanto sua negação são falsas, segue-se que tudo é falso.

Revision #3

Created 7 September 2026 23:43:02 by Admin

Updated 13 September 2026 17:22:18 by Admin